

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**CHAVES SIMBÓLICAS  
DO EVANGELHO DA TÉCNICA**

V

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# **SINAIS A-NUNCIADORES**

## **CHAVES SIMBÓLICAS DO EVANGELHO DA TÉCNICA**

Nosso século chega a seu fim. E nos perguntamos: novo signo do tempo? Já não temos mais tempo. Percorremos um longo caminho, levando nas costas a pesada carga da História: demasiada informação, demasiados mestres, demasiados filósofos, demasiadas interpretações do mundo e da vida; demasiadas mensagens: mensagens da ciência, da metafísica, das revoluções sociais, da técnica, do horror da guerra, dos campos de extermínio, do pranto das crianças, da tristeza da terra devastada; demasiados mensageiros...

Chegamos demasiado longe, sem chegar  
a nenhum lugar.

Já pelos anos 20 o grande Ortega e Gasset, tentando caracterizar a época que lhe coube viver, anunciava o “ocaso das revoluções” e o ingresso da humanidade em um tempo de “alma desiludida”; tempo marcado pelo “espírito de servidão”:

“O homem quer servir, antes de mais nada: outro homem, um imperador, um bruxo, um ídolo. qualquer coisa, antes que sentir o terror de afrontar solitário, com o próprio peito, os embates da existência”.<sup>1</sup>

Na época em que Ortega e Gasset escrevia estas linhas, ainda não tínhamos a bomba atômica nem havíamos pisado a Lua, não tínhamos a engenharia genética, os meios eletrônicos de comunicação de massa, o mercado global, a sociedade planetizada. Hoje, viajamos rumo às estrelas, podemos reproduzir por clonagem outro ser humano à nossa imagem e semelhança. Porém,

---

<sup>1</sup> Ortega e Gasset, José. “El tema de nuestro tiempo”.

nossa casa ficou sem sustento e vivemos em estado de “alma  
desiludida”.

Outro estado da matéria?

Sobram mensageiros, falta mensagem.

Para onde ir? Viajar para a Índia? Fazer-se astronauta? Explorar os recintos atômicos da matéria? Ou ficar em casa, esperando que nossos irmãos do cosmos venham resgatar-nos do cativeiro?

Em meio a estas perguntas sem resposta, caiu uma vez mais em minhas mãos o arrebatado verbo de São João da Cruz, em seu “Cântico Espiritual”:

*“Ay! quién podrá sanarme?*

*Acaba de entregarte ya de vero;*

*y no quieras enviarme de hoy más mensajero,*

*que no saben decirme*

*lo que quiero!”*

*Canto VI*

Quantas vezes terei lido esse poema! Eu o havia lido, mas não o havia ouvido! Durante todo esse tempo em que “o havia lido”, eu tinha demasiado tempo à minha disposição: vinham a mim demasiados mensageiros, com demasiadas notícias do tempo. Porém, agora as coisas eram diferentes: já não tinha mais tempo. Tampouco buscava a palavra de “outros” mensageiros. Porque, como o místico-poeta, sentia que eles “não sabem dizer-me o que quero”.

Já não buscava a mensagem do “núncio”: queria ouvir o sopro que A-nuncia. Porém, esta palavra **pro-fética** (“palavra **antes** da palavra”) não estava à minha

disposição no supermercado da informação: **meu tempo** (tempo de homem) não era ainda o tempo de ressonância do Verbo (resonantia-Verbum). Dito de outro modo: naquele tempo eu era “cântaro que não ressoa”.

Não conhecemos ainda as leis que preparam o advento do Senhor no tempo do homem. Só posso dizer que não basta o esforço humano: não é suficiente o “afrontar solitário, com o próprio peito, os embates da existência” para que caia o véu que oculta o sentido profundo das coisas. Tampouco posso dizer que se trate somente de “graça” (em termos teológicos) e que o esforço humano não conte para nada. Heidegger chama *Ereignis* a este Advento que não só nos faz advir a nosso ser mais próprio, senão que nos “cura” de nosso impróprio modo de ser: para Heidegger “cura” é a súbita irrupção de uma “verdade originária” que reúne em uma mesma unidade de sentido as variadas significações do ser. Mas, nas mãos dos filósofos, essa “cura” não passa de uma “cura filosófica” (se me for permitido o termo): “cura” que está muito longe de responder ao clamor de “saúde” de uma humanidade ferida de morte, nas próprias raízes da árvore da vida:

*Ay, quién podrá sanarme!*

Ainda não tomamos consciência de certos danos irreparáveis que já se produziram no tecido orgânico da vida, não só na ordem social, política, econômica, ecológica, mas também genética. A tal ponto que alguns biólogos-filósofos modernos (Erwin Schrödinger entre eles) começam a detectar sinais de esgotamento no potencial evolutivo da humanidade: perguntam-se se não haveremos desembocado em um “beco biológico sem saída”. Não é fácil responder a esta pergunta, porém o que se observa é um debilitamento do sistema imunológico e uma “queda” da moral-biológica, fratura do sistema que precipita a ruína do homem por dentro; milhões de seres humanos morrem hoje “antes do tempo”: morrem de morte da alma, de enfermidades de adaptação, de morte técnica.

Nem as universidades, as igrejas, as empresas multinacionais, os sindicatos operários, o Estado, a Organização das Nações Unidas... nenhum destes “estados corporativos” (Charles Reich) tomou (“de coração”) a causa pelo destino do homem, nem tomou (“em suas mãos”) as ferramentas técnicas para pôr em movimento a roda evolutiva da vida: só lutam pelo poder, pelo “domínio da Terra”, por sustentar a “realidade” de um mundo “irreal”.

Porém, quem diz que “tudo está perdido?” (lembro-me da canção de Mercedes Sosa).

Como ontem, como sempre, em tempos de perigo, existe uma vanguarda que se retira da “cidade dolente” e “vai para o deserto em pro-**cura** do certo” (Martín Fierro). É a vanguarda que escolheu o sacrifício e volta transfigurada como “fermento” na massa.

Já não falamos aqui de filosofia política ou teologia moral: falamos de

**Química Social.**

Onda pro-fética. Moléculas-mensageiras que transcrevem na matéria desestabilizada do homem, o ritmo, as funções de um novo Código gen-**ético** da vida. Não é fácil descobrir o poder generativo (curativo) destes sinais A-nunciadores. E volta a pergunta: “Ay, **quién** podrá sanarme?”

Tínhamos o grande livro da Natureza, onde ouvíamos Deus falando em língua matemática e o perdemos (“Rompeu-se o antigo pacto com a natureza”, Monod).

Tínhamos os Livros sagrados das grandes religiões, escritos em línguas sagradas e os perdemos: já não compreendemos o código simbólico da Língua-Mãe.

Mas, nem tudo está perdido!

Quando acreditávamos haver perdido os sinais orientadores do antigo Pacto e nos refugiávamos nos castelos de pedra do antigo templo, eis aqui que um forte sopro que vinha do Deserto quebrou a muralha da cidade do homem e deixou nossa casa sem sustento: ainda não nos repusemos desta intempérie cósmica. Catástrofe existencial: primeiro sinal A-nunciador do novo signo do tempo.

Como a humanidade recebeu este sinal Pro-fético que agitava as águas da vida?

Os místicos contemplativos o receberam como “Iluminação originária”: Luz espiritual que deixava impressa sua pegada-Mãe nas areias do tempo. Os sábios-místicos a receberam como “intuição intelectual” que rompia o marco teórico da antiga ciência: “Uma resplendente luz se fez dentro de mim”, Einstein. Os cientistas e os técnicos a receberam como “signo de poder”: chave técnica que fez possível liberar a energia atômica e decifrar o código genético. E, como foi recebida pelos poetas-filósofos?

Como “sopro primeiriço que ondula as águas da vida”  
(parafraseando palavras de Ortega e Gasset).

De alguma maneira (sem que possamos precisar o “como”), havia disso rompida a simetria da antiga imagem do mundo. Ainda mais: a Iluminação originária nos submergia em uma noite escura: roçávamos a onda de um novo **Mysterium**. Não faltaram os intérpretes desta Revelação que oculta seu rosto por trás do véu luminoso das estrelas. Como bem indica C. G. Jung, o Éon Cristão encontrou no “arquétipo do homem-deus” o símbolo que “conecta” a alma humana com o mistério divino. Porém, o que ocorria agora, em tempo de “deuses que fugiram” (Hölderlin) e de “alma desiludida” (Ortega e Gasset)?

Aqui me detenho, porque não gostaria de “engarrafar o vinho novo em odres velhos”.

Detemo-nos, o pensamento se detém: o mundo é outro. Antes de ver a luz, fomos golpeados pelo raio: soava a hora da técnica como sinal de abertura do mundo vindouro. Quando ressoaram as primeiras ‘notas’, não pudemos perceber que um poder “mais que humano” ia mudar o curso da História. Maxwell, em suas equações clássicas, havia reunido as leis da eletricidade e do magnetismo. E a luz era concebida como fenômeno eletromagnético. A formulação matemática desse “campo eletromagnético” não era um descobrimento a mais na história da Física: era a primeira ‘nota’ de síntese que se adiantava à onda de revelação profético-científica. Algo disto deveu haver captado Hertz quando, ao contemplar a simplicidade, a beleza e a perfeição das equações de Maxwell, deixou por escrito seu testemunho: “Tem-se a impressão de que estas fórmulas matemáticas têm vida própria, como se fossem mais inteligentes que nós, e até mesmo mais que seu próprio autor”. O poder operativo do símbolo entrava em jogo na liturgia da técnica. E cedo viriam outros mensageiros do novo Éon: Einstein, Planck, Heisenberg, Dirac, Pauli... portando outros símbolos de poder que mudariam a face do mundo. Não é de estranhar que Thomas Berry, ante o impacto provocado no mundo do homem pela irrupção do poder da técnica, tenha acreditado perceber que

“o homem moderno recebeu a mensagem da técnica como a  
**mensagem de salvação**”.

Efetivamente, esse sinal A-nunciador, lido em chave técnica de vontade de poder, leva em-si uma “mensagem de salvação”: poderemos controlar as enfermidades com novas vacinas e antibióticos mais poderosos, poderemos substituir um coração gasto por outro transplantado (inclusive animal), poderemos pôr para trabalhar em nosso benefício os outros reinos: não só bactérias, também animais transgênicos... e se a Terra se tornar inabitável (por desastre ecológico) poderemos colonizar outros planetas. Essa nova fé no destino glorioso do homem viria a ser, efetivamente, como uma “mensagem de salvação através da técnica” que



substituiria (e com efeito substitui) a “mensagem de transcendência espiritual” enraizada na tradição sagrada da humanidade. Se não pudermos ir além de uma leitura tecnológica e histórica do novo fenômeno humano, ficaremos somente com a “metade da fórmula”: haveremos conquistado novamente o novo-novo mundo e perdido pela segunda vez a alma.

Porém,

é possível desvelar a “outra metade” das chaves de poder”?

É possível ir além (ou talvez aquém) da “face técnica da Técnica”?

Pre-sentimos uma Realidade que se oculta por trás de espesso véu. Começamos a “ouvir” palavras que não são vistas nas telas de nossos instrumentos técnicos; começamos a experimentar em nosso corpo estranhas transformações: ‘ressonâncias magnéticas’ que nos falam de “outra fisiologia”. Para além dos fatos, começamos a prestar ouvido à alma dos fatos.

Começamos a co-responder a uma energia-Ensinante que se instalou sub-repticiamente no coração do homem.

Energia-Ensinante! Ritmo de uma Língua que havíamos esquecido: língua que fala desde o coração das moléculas da vida, estendendo a ponte entre a fisiologia humana e as leis morais, espirituais, sociais do mundo recém aberto. Este “ritmo” de “energia-Ensinante” nos permite não somente ler de outra maneira os Evangelhos já cunhados na tradição, mas também decifrar a linguagem simbólica, codificada no novo evangelho da Técnica. Vivemos em um mundo técnico. Ainda mais, nosso próprio sistema nervoso central está conectado com o meio tecnológico (McLuhan) - segunda natureza biotécnica - porém ainda não sabemos interpretar (e muito menos in-corporar) o ensinamento **energético** que vibra no evangelho da Técnica.

Fritjof Capra deu um passo muito importante nesta direção com seu “Tao da Física”. Mas, não é suficiente o diálogo intelectual (“*via cognitionis*”) entre a ciência

moderna e as tradições orientais: o passo chave em direção à síntese do novo ciclo cosmogônico não passa pela ciência, passa pelo homem. Dito de outro modo, não se trata de recompor a espada, quebrada em dois pedaços pelo antigo Deus e sim, da “forja” de uma nova espada, na taça do coração do novo homem. E aqui surge uma pergunta. Não está tudo dito nos antigos evangelhos teológicos? Eu diria que não, ou pelo menos não de todo acessível à mente do homem contemporâneo. A língua-Verbo que palpita desde o coração nos quer dizer algo “novo” em relação ao mundo técnico em que vivemos, nos movemos e temos nosso ser, porém esse “novo” que quer nos dizer só pode ser dito na linguagem simbólica da Técnica.

Estamos ante um Verbo transfigurado em “vestidura técnica”  
que nos in-tegra em um gigantesco movimento de “transfiguração social do  
Verbo”.

Mas, qual é então a “mensagem” deste Verbo transfigurado em “meio” técnico? E não podemos menos que repetir uma vez mais, com Marshall McLuhan:

*“O meio é a mensagem”.*